

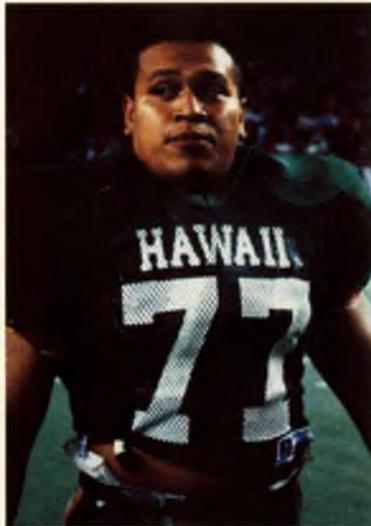
# A LIAHONA

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • JUNHO DE 1991



# A LIAHONA

JUNHO DE 1991



#### Na capa:

O samoano Tavita Sagapolu derruba seus oponentes no futebol americano, mas eleva todos que o cercam. Vide "Um Gigante Espiritual", página 12.

#### Capa da Seção Infantil:

"A Companhia de Carrinhos-de-Mão Martin Salva por Voluntários", de Clark Kelley Price. As crianças da companhia trabalhavam arduamente e enfrentavam muitas dificuldades, mas também se divertiam. Vide "A Pé Até Sião", página 14.

## DESTAQUES

<b>MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA: EM BUSCA DE JESUS</b> PRESIDENTE THOMAS S. MONSON .....	2
<b>ROSA CLARA: PIONEIRA AUSTRALIANA</b> MARJORIE B. NEWTON .....	8
<b>A DECISÃO MAIS IMPORTANTE DE NOSSA VIDA</b> ÉLDER BOYD K. PACKER .....	25
<b>ONDE FOI QUE VI SEU NOME?</b> SUSAN WYMAN .....	28
<b>BATISMO NO GELO</b> WADE BRACKENBURY .....	30
<b>UM CONVÊNIO RESTAURADO: ENSAIO FOTOGRÁFICO</b> .....	34
<b>CONVERSOS FIÉIS: OS SANTOS DE BARCELONA</b> CAROL BAUGHMAN RIVERO .....	44

## ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

<b>UM GIGANTE ESPIRITUAL</b> TERRY O'RAND .....	12
<b>FICÇÃO: A ÚLTIMA PESCARIA</b> JACK WEYLAND .....	18
<b>MENSAGEM MÓRMON: VOCÊ PODE RESOLVER OS MAIS GIGANTESCOS PROBLEMAS</b> .....	33

## DEPARTAMENTOS

<b>COMENTÁRIOS</b> .....	1
<b>MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES: SEJA UMA BÊNÇÃO PARA CADA MULHER EM PARTICULAR</b> .....	24

## SEÇÃO INFANTIL

<b>HISTÓRIAS DO LIVRO DE MÓRMON: ZENIFF</b> .....	2
<b>FAVOS DE MEL</b> LOWELL L. HAMBLIN .....	4
<b>TEMPO DE COMPARTILHAR: LER AS ESCRITURAS DIARIAMENTE</b> LAUREL ROHLFING .....	8
<b>NÃO QUERO IR À IGREJA</b> HELEN HUGHES VICK .....	10
<b>O VERÃO DOS CORDEIROS</b> JAYNE B. MAIAN .....	12
<b>EXPLORANDO: A PÉ ATÉ SIÃO</b> VIOLET KIMBALL .....	14
<b>SÓ PARA DIVERTIR: ARTE EM LÃ</b> JULIE WARDELL .....	16
<b>PROFETAS DO VELHO TESTAMENTO</b> JANET PETERSON .....	16

**A Primeira Presidência:**

Ezra Taft Benson, Gordon B. Hinckley, Thomas S.  
Monson

**Quorum dos Doze:**

Howard W. Hunter, Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, L.  
Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A.  
Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell  
Ballard, Joseph B. Wirthlin, Richard G. Scott

**Consultores:**

Rex D. Pinegar, Gene R. Cook, John H. Groberg,  
Robert E. Wells

Editor: Rex D. Pinegar

Diretor Gerente do Departamento de Currículo: Ronald L.  
Knighton

Diretor de Revistas da Igreja: Thomas L. Peterson

**International Magazines:**

Editor Gerente: Brian K. Kelly

Editor Gerente Assistente: Marvin K. Gardner

Editor Associado: David Mitchell

Editora Assistente/Seção Infantil: De Anne Walker

Controlador: Diana M. Van Staveren

Supervisão de Arte: M. M. Kawasaki

Diretor de Arte: Scott D. Van Kampen

Desenho: Sharrí Cook

Produção: Reginald J. Christensen, Steve Dayton,

Jane Ann Kemp, Denise Kirby

Gerente de Circulação: Joyce Hansen

**A Liahona:**

Diretor Responsável e Produção Gráfica: Dario Mingorance

Editor: Paulo Dias Machado

(Reg. 8966-35-02 - RJ)

Tradução e Notícias Locais: Flavia G. Erbolato

Assinaturas: Carlos Tadeu de Campos

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE  
CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob  
nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas  
deverá ser endereçada ao:

**Departamento de Assinaturas**

Caixa Postal 26023

São Paulo, SP.

Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 1.500,00; para  
Portugal — Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Rua  
Aquiles Machado, 5M5J - 1900 - Lisboa. Assinatura Anual  
Esc. 500; para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea,  
US\$ 10,00.

Preço de exemplar em nossa agência: Cr\$ 125,00.

As mudanças de endereço devem ser comunicadas  
indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente de  
A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do  
"International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos  
Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número  
93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras  
de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de  
9-11-1930. A Liahona, revista internacional de A Igreja de  
Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é publicada  
mensalmente em chinês, holandês, dinamarquês, inglês,  
finlandês, francês, alemão, italiano, japonês, coreano,  
norueguês, português, samoano, espanhol, sueco e  
tonganês; bimensalmente em indonésio, taitiano e tailandês;  
e trimestralmente em islandês.

Impressão: Indústria de Artes Gráficas ATLAN Ltda. - Rua  
21 de Abril, 787 - Brás - São Paulo - SP. Devido à  
orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito  
de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não  
obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação  
da redação e da equipe internacional do "International  
Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos  
correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato,  
2.430 - Telefone (011) 814-2277.

The A LIAHONA (ISSN 0885-3169) is published monthly  
by The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 50 East  
North Temple, Salt Lake City, Utah 84150. Second-class  
postage paid at Salt Lake City, Utah and at additional  
mailing offices. Subscription price \$9.00 a year. \$1.00 per  
single copy. Thirty days' notice required for change of  
address. When ordering a change, include address label  
from a recent issue; changes cannot be made unless both the  
old address and the new are included. Send U.S.A. and  
Canadian subscriptions and queries to Church Magazines,  
50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150,  
U.S.A. Subscription information telephone number 801-  
240-2947.

POSTMASTER: Send address changes to A LIAHONA at  
50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150,  
U.S.A.

**MUDANÇA DE VIDA**

Fiz uma assinatura da *Liahona* (espanhol) por dois anos, e é com enorme prazer que a leio mensalmente. Todos os artigos são muito apropriados e ajudam-nos a nos aproximarmos do Pai Celestial.

Desde o batismo, minha vida e a de meus familiares mudou. Compreendi que a vida que o Senhor nos deu é o nosso bem mais precioso. Não devemos deixar passar a oportunidade de demonstrar que o amamos verdadeiramente, vivendo todos os seus mandamentos. Seremos salvos, se formos fiéis no cumprimento do dever.

Sei que o Espírito nos influencia e ajuda a fazer as coisas certas.

Agora, como membro da Igreja, posso testificar que conhecer a verdade é algo maravilhoso, e que ninguém pode mudar isto. Encontrei muitos amigos, bons amigos, e conquistei o respeito de muitas pessoas.

Lembrem-se de que as bênçãos que o Senhor derrama sobre nós são muitas, mas, se guardarmos seus mandamentos, muitas outras nos serão adicionadas.

Jenny Amaya A.

Huacho, Peru

**FERRAMENTA MISSIONÁRIA**

Sou professor, e há algum tempo, decidi fazer uma assinatura da *Liahona* (espanhol) para cada um dos meus colegas, e para cada um dos pastores de outras igrejas cristãs da região. Muitos já me agradeceram pelo presente, e vários colegas, que não pertencem a uma denominação religiosa em particular, aguardam com expectativa as edições mensais da revista.

Além disso, sempre que recebo um

convite para uma festa de aniversário ou de formatura, dou de presente um exemplar da *Liahona* e do Livro de Mórmon. Compartilhando a mensagem do evangelho desta forma, a Igreja aqui ganhou novos membros, e eu, novos amigos.

A meu ver, a *Liahona* é uma das melhores publicações em língua espanhola. Proporciona não só uma boa leitura, mas instrução e orientação genuínas.

Aprecio em particular a mensagem da Primeira Presidência e os relatórios das conferências gerais. Gosto de ver fotografias das Autoridades Gerais e dos visitantes da conferência. Amo verdadeiramente as Autoridades Gerais e peço a bênção do Senhor para elas, em seus chamados.

Meus parabéns pela publicação das Histórias do Livro de Mórmon em cores. Espero que esta série inclua o Livro de Mórmon todo.

Espero que a *Liahona* nunca deixe de ser publicada. Se isso acontecesse, centenas de milhares de pessoas ficariam na escuridão. Continuem com o bom trabalho que vêm realizando.

Gamaliel Alcides Vásquez Pérez

Bispo da Ala Rio Blanca

San Marcos, Guatemala

**NOTA DO EDITOR**

Somos imensamente gratos a nossos leais leitores e os convidamos a nos enviarem suas cartas, artigos e histórias. (Favor incluir seu nome completo, endereço, ala ou ramo, estaca ou distrito.) Apreciamos as cartas que já recebemos e aguardamos com prazer mais cartas de nossos leitores. Nosso endereço é: A *Liahona*, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah, 84150, USA.



# Em Busca de Jesus

**Presidente Thomas S. Monson**

Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

**N**o Novo Testamento, João descreve uma jornada empreendida por pessoas desejosas de adorar ao Senhor. “Ora havia alguns..., entre os que tinham subido a adorar no dia da festa.

Estes, pois, dirigiram-se a Filipe,... e rogaram-lhe, dizendo: *Senhor, queríamos ver a Jesus.*” (João 12:20-21; grifo nosso.)

As criancinhas expressam o mesmo desejo de outra forma, dizendo com frequência: “Conta-me histórias de Cristo, eu quero ouvir belas histórias de quando andou aqui.” (*Cante Comigo*, B-46.) Elas buscam ao Senhor, como sempre se tem buscado. Nenhuma outra busca é tão universal. Não existe outro empreendimento tão compensador. Nenhum esforço tão nobre. Propósito algum tão divino.

A busca do Senhor não é novidade de nossa época. Na sua tocante e carinhosa despedida aos gentios, Morôni salientou a sua importância:

**A fórmula para encontrar Jesus sempre foi e será a mesma — profunda e sincera oração, proferida com um coração puro e humilde.**

“E agora eu, Morôni, despeço-me...

E,... eu vos exorto a que busqueis esse Jesus de quem os profetas e apóstolos têm escrito.” (Êter 12:38, 41.)

Durante gerações, tanto no velho como no novo mundo, homens esclarecidos procuraram o cumprimento das profecias feitas por homens justos, inspirados pelo Deus Todo-Poderoso. E então chegou a noite das noites, aquela na qual o anjo do Senhor apareceu aos pastores que estavam no campo, e guardavam durante as vigílias da noite o seu rebanho, e disseram-lhes: “Pois, na cidade de Davi, vos nasceu hoje o Salvador, que é Cristo, o Senhor.” (Lucas 2:11.)

Assim, pessoalmente convidados a empreender a busca do menino envolto em panos, e deitado numa manjedoura, será que estes pastores se preocuparam com a segurança de seus bens? Será que adiaram sua busca de Jesus? O registro afirma que disseram uns aos outros: “Vamos pois até Belém... E foram apressadamente.” (Lucas 2:15-16.)

Uns magos vieram do Oriente a Jerusalém, dizendo: “Onde está aquele que é nascido rei dos judeus? porque vimos a sua estrela no oriente, e viemos a adorá-lo...”

E, vendo eles a estrela, alegraram-se muito com grande alegria.

E,... acharam o menino com Maria sua mãe, e prostrando-se, o adoraram; e, abrindo os seus tesouros, lhe ofertaram dádivas: ouro, incenso e mirra.” (Mateus 2:2, 10-11.)

Com o nascimento do menino de Belém, surgiu um grande poder — um poder maior que armas, um bem mais duradouro que as moedas de Cesar. Aquela criança deveria ser o Rei dos reis e Senhor dos senhores, o Messias prometido, Jesus Cristo, o Filho de Deus.

Nascido em um estábulo, tendo como berço uma manjedoura, desceu do céu para viver na terra como mortal e nela estabelecer o reino de Deus. Durante seu ministério terreno, ensinou aos homens uma lei maior. Seu glorioso evangelho mudou o modo de pensar do mundo. Ele abençoou os doentes; fez andar os aleijados, ver os cegos, ouvir os surdos. Até mortos trouxe de volta à vida.

Qual foi a reação do povo ante sua mensagem de misericórdia, suas palavras de sabedoria, suas lições de vida? Houve alguns, poucos e valiosos, que o apreciaram. Banharam-lhe os pés. Aprenderam sua palavra. Seguiram seu exemplo.

Foram muitos, porém, os que o negaram. Quando interrogados por Pilatos: “Que farei então de Jesus, chamado Cristo? Disseram-lhe todos: Seja crucificado.” (Mateus 27:22.) Zombaram dele. Deram-lhe vinagre para beber. Injuriaram-no. Bateram-lhe com uma cana. Cuspiram nele. Crucificaram-no.

Será que podemos, pelo menos em parte, compreender o sofrimento de Deus, o Pai Eterno, ao ver crucificado seu Filho Unigênito na carne? Um só pai ou mãe existe, que não seja movido até as entranhas pela compaixão, ouvindo um filho rogar, ao passar pelo seu próprio Getsêmani: “Pai, se queres, passa de mim este cálix, todavia não se faça a minha vontade, mas a tua?” (Lucas 22:42.)

Todos se comovem com a bela história de Abraão e Isaque, encontrada na Bíblia Sagrada. Como deve ter sido difícil para Abraão, em obediência ao mandamento de Deus, levar seu filho tão querido para a terra de Moriá, lugar onde deveria oferecê-lo em holocausto ao Senhor. Com quanta tristeza deve ter juntado a lenha

para o fogo e caminhado até o lugar designado! Deve ter sido com a mente torturada e o coração dilacerado que amarrou Isaque, colocou-o sobre o altar, em cima da lenha, e estendeu a mão para pegar a faca com a qual deveria imolá-lo. Quão gloriosas e bem-vindas devem ter sido as palavras de intervenção do anjo: "Não estendas a tua mão sobre o moço, e não lhe faças nada; porquanto agora sei que temes a Deus, e não me negaste o teu filho, o teu único." (Gênesis 22:12.)

Ao testemunhar o sofrimento e a agonia de Jesus, seu Filho Unigênito na carne, Deus não ouviu uma voz vinda do céu com a intenção de poupar a vida dele. Não apareceu nenhum carneiro, para ser oferecido como substituto para o sacrifício. "Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna." (João 3:16.)

De geração em geração, a mensagem de Jesus tem sido a mesma. A Pedro, junto ao mar da Galiléia, ele disse: "Vinde após mim." A Filipe declarou: "Segue-me." A Mateus, que trabalhava na alfândega, disse o mesmo. E nós, se prestarmos atenção, escutaremos as mesmas palavras convidativas: "Segue-me."

Mas, como o seguiremos, se primeiramente não o encontrarmos? E como o encontraremos, se primeiramente não o procurarmos? Onde e como devemos principiar nossa busca?

A fórmula para encontrar Jesus sempre foi e será a mesma — *profunda e sincera oração, proferida com um coração puro e humilde*. Aconselhou-nos o profeta Jeremias: "E buscar-me-eis, e me achareis quando me buscardes de todo o vosso coração." (Jeremias 29:13.)

Antes de podermos, com sucesso, empreender uma

busca pessoal de Jesus, devemos arranjar tempo para ele em nossa vida e lugar para ele em nossos corações. Nestes dias atribulados, muitos encontram tempo para jogar futebol, fazer compras, trabalhar, brincar, mas não encontram tempo para Cristo.

Muitos são os lares que proporcionam um lugar agradável para se comer, dormir, para reuniões e atividades em família, mas que não têm lugar para Cristo.

Talvez sintamos remorso ao nos lembrarmos de suas palavras: "As raposas têm covis, e as aves do céu têm ninhos, mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça" (Mateus 8:20). Ou vergonha ao lembrar: "E deu à luz a seu filho primogênito, e envolveu-o em panos, e deitou-o numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na estalagem." (Lucas 2:7.) Não havia lugar. Não havia lugar. Não havia lugar. Sempre a mesma coisa.

Ao empreendermos a busca pessoal de Cristo, auxiliados e guiados pelo princípio da oração, é fundamental que tenhamos um conceito claro daquele a quem buscamos. Os pastores da antiguidade procuraram o Jesus infante, mas nós procuramos Jesus, o Cristo, nosso irmão mais velho, nosso mediador perante o Pai, nosso Redentor, o Autor de nossa salvação; aquele que no princípio estava com o Pai; que tomou sobre si os pecados do mundo e deu a vida espontaneamente, para que pudéssemos viver para sempre. É este Jesus que procuramos.

E, quando o encontrarmos, estaremos, como os sábios dos tempos antigos, preparados para oferecer-lhe presentes tirados de nossos muitos tesouros? Eles o presentearam com ouro, incenso e mirra. Não são estes os presentes que Jesus pede de nós. O que ele nos pede é

**Corações devem ser  
alegrados. Palavras  
bondosas pronunciadas.  
Dádivas conferidas. Obras  
feitas. Almas salvas.**

que demos de nós mesmos: “Eis que o Senhor exige o coração e uma mente obediente.” (D&C 64:34.)

Nesta maravilhosa dispensação da plenitude dos tempos são ilimitadas as oportunidades de dar de nós mesmos, mas podemos perder tais oportunidades. Corações devem ser alegrados. Palavras bondosas pronunciadas. Dádivas conferidas. Obras feitas. Almas salvas. E não esqueçamos: “Quando estais a serviço de vosso próximo, estais somente a serviço de vosso Deus.” (Mosiah 2:17.)

Felizmente, todos temos o privilégio de prestar serviço. Se tão-somente procurarmos, também veremos uma estrela brilhante, só nossa, que nos guiará às oportunidades.

Alguém que viu essa estrela e a seguiu foi Boyd Hatch, da Cidade do Lago Salgado, Utah. Destituído do uso das pernas, tendo a frente uma vida presa a uma cadeira de rodas, Boyd podia ter-se fechado e, com pena de si mesmo, existido e não vivido. No entanto, o irmão Hatch não se fechou, mas abriu-se para o próximo e para Deus, e a estrela da inspiração guiou-lhe os passos, não a uma única oportunidade, mas literalmente a centenas. Ele organizou tropas de escoteiros para meninos deficientes. Ensinou-os a acampar, nadar, jogar basquetebol, a ter fé. Alguns deles sentiam-se desanimados, desesperados e com muita pena de si mesmos. Ele lhes estendeu a tocha da esperança, apresentando-lhes seu exemplo pessoal, cheio de esforços e realizações. Com uma coragem que nunca chegaremos a conhecer ou compreender completamente, esses meninos de diferentes religiões sobrepujaram dificuldades praticamente intransponíveis e se reencontraram. Durante o processo todo, Boyd Hatch, dando de si abnegadamente não só encontrou a alegria, mas o próprio Mestre.

Todo membro de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, no batismo, fez o convênio de servir de testemunha de Deus “em qualquer tempo, em todas as coisas e em qualquer lugar” (Mosiah 18:9), expressando o desejo de “carregar mutuamente o peso de vossas cargas, para que sejam aliviadas”. (Mosiah 18:8.)

Sendo fiéis a este convênio, familiarizar-nos-emos com aquele que declarou: “Eis que sou Jesus Cristo, cuja vinda ao mundo foi anunciada pelos profetas.” (3 Néfi 11:10.) É a este Jesus que procuramos. Este é o irmão que amamos. Este é Cristo, o Senhor, a quem servimos. Testifico que ele vive, pois falo como alguém que já o encontrou. □

#### **IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES**

1. De acordo com o Presidente Monson, em todas as épocas a mensagem de Jesus tem sido a mesma: “Segue-me.”
2. Como podemos segui-lo se não sabemos onde ele está? E como o encontraremos, se não o procurarmos primeiro?
3. A fórmula para encontrar Jesus sempre foi a mesma — profunda e sincera oração, proferida com um coração puro e humilde.
4. Ao emprendermos a busca, devemos arranjar tempo para ele em nossas vidas e lugar para ele em nossos corações.
5. E quando o encontrarmos, sua mensagem — que demos de nós mesmos, por meio de serviço abnegado — alegrando corações, dizendo palavras bondosas, praticando boas obras e salvando as almas que precisam ser salvas.



# ROSA CLARA

## PIONEIRA AUSTRALIANA

Marjorie B. Newton

Quando Rosa Clara Friedlander saiu do navio que a levou à cidade de Sidney, Austrália, no mês de março de 1849, já tinha percorrido metade do mundo desde que saíra das ilhas Normandas, onde nasceu. Ela nem imaginava que sete anos depois cruzaria o Oceano Pacífico em busca de um novo lar, no recém-colonizado estado de Utah. Durante esses anos ficou conhecendo o evangelho restaurado, ajudou no desenvolvimento do Ramo de Sidney, e assumiu as responsabilidades de mulher adulta.

Rosa Clara nasceu em 1837, na ilha de Guernsey, no Canal da Mancha, entre a França e a Grã-Bretanha, mas foi levada primeiro para a Inglaterra e depois para Nova Gales do Sul, na Austrália, após a morte do pai. Em 1849, quando Rosa Clara chegou a Sidney com a mãe, Eliza Friedlander, e o irmão mais novo, James, Sidney era uma cidade grande e próspera. Dois anos depois, sua mãe se casou com George W. Watson.

Seis semanas após o casamento,

os élderes John Murdock e Charles W. Wandell foram enviados para abrir a Missão Australiana. Na época do Natal já haviam batizado doze pessoas, e no primeiro domingo de 1852, élder Wandell organizou o Ramo de Sidney.

Eliza Watson, o marido e os filhos, aceitaram o evangelho e foram batizados em poucas semanas; logo depois da organização do ramo. George Watson foi ordenado sacerdote e a família toda ficou ativa no ramo recém-formado. Frequentemente realizavam reuniões em casa para não-membros e, quando os élderes precisaram de alguém que se mudasse para Melbourne e servisse como missionário de tempo parcial nesse lugar, George Watson se ofereceu.

Rosa Clara ficou arrasada. Tinha apenas quinze anos, gostava de trabalhar no pequeno ramo e era muito amiga de outra jovem irmã, Mary Clines. Embora amasse a mãe, aparentemente não se dava bem com o padrasto; portanto, com o consentimento dos pais, quando o resto da família se mudou para

Melbourne, permaneceu em Sidney, sob os cuidados de sucessivos presidentes de missão.

Rosa Clara morou com sua amiga Mary e o marido, Robert Evans, que eram recém-casados, em Kissing Point, junto ao Rio Parramatta. Ela caminhava quase 20 quilômetros todos os domingos até a cidade, para assistir às reuniões nas salas da Antiga Assembléia, que ficava em frente ao fórum, na Rua King. Essas salas, no andar superior de uma escola, tinham sido usadas anteriormente como lugar de reuniões de uma igreja presbiteriana. Os missionários SUD as alugaram para as reuniões do Ramo de Sidney.

Rosa Clara participava dos ensaios do coral nas noites de quinta-feira e cantava aos domingos. Ajudava a distribuir folhetos da

**Rosa Clara ajudava a distribuir folhetos da Igreja e fazia tudo o que podia para promover a obra missionária em Sidney.**



Igreja e fazia tudo o que podia para promover a obra missionária em Sidney.

No dia 21 de maio de 1853, com dezesseis anos, Rosa Clara se casou com Charles Joseph Gordon Logie, um converso recente, na Igreja Escocesa. O reverendo James Fullerton realizou a cerimônia, porque não era permitido aos élderes SUD realizar casamentos na Austrália; mas o novo presidente de missão, Élder Augustus Farnham, e outra amiga mórmon, Mary Ann Gingell, estavam presentes na cerimônia e assinaram o registro como testemunhas. "Assisti ao casamento do irmão Logie com a irmã Rosa Friedlander, realizado por Parson Fullerton", escreveu o Presidente Farnham em seu diário. "Voltamos para a casa do irmão Gingell e casamo-los de novo. Tivemos uma noite alegre...cheia de paz e harmonia."

Rosa Clara e Charles Logie se estabeleceram e continuaram a trabalhar no ramo. Um dos novos missionários, Élder John Hyde, estava doente, com câncer na boca. Sua saúde piorou e só podia ser internado numa instituição pública. Rosa Clara ficou preocupada com ele, um missionário solitário, enfermo e atormentado por dores. Finalmente, ela e Charles conseguiram que o rapaz fosse tirado da instituição e levado para a casa deles, onde a corajosa jovem, com apenas dezesseis anos, serviu-lhe de enfermeira até o dia em que morreu.

No dia 27 de junho de 1854, Rosa Clara teve seu primeiro filho, uma



menina que recebeu o nome de Annie Augusta, em homenagem ao Presidente Farnham. Quando a pequena Annie Augusta estava com quatorze meses, a família embarcou em Sidney, com um grupo de santos, no navio *Julia Ann*, para a Califórnia. Quatro semanas mais tarde, sofreram um terrível acidente.

No anoitecer do dia 3 de outubro de 1855, Rosa Clara pôs o bebê para dormir, enquanto alguns membros pioneiros da Igreja cantavam hinos no convés. Subitamente o navio bateu num recife de coral. Durante alguns momentos, a confusão foi geral, mas, em seguida, um dos tripulantes nadou até o recife e conseguiu amarrar uma corda. Com uma linga, o capitão se preparou para transportar as mulheres e crianças, uma de cada vez, para o recife.

Ninguém sabia, na noite escura como o breu, o que aconteceria. As mulheres ficaram com medo. Finalmente, Rosa Clara, com menos de dezoito anos, ofereceu-se para ser a primeira. Com um xale de lã marrom, ela ajudou a amarrar rápida e firmemente seu bebê às costas de Charles; em seguida aprontou-se para ser içada, mas então, hor-

rorizada, viu o marido e o bebê serem varridos do convés por uma onda enorme. Um dos marinheiros conseguiu, porém, recuperá-los sãos e salvos.

Com muita coragem, e deixando a família no navio em destroços, Rosa Clara subiu ao colo do capitão, e foi puxada lentamente até o recife. O capitão deixou-a descalça nos corais afiados, com água até o peito, e as ondas quebrando sobre o recife. Ela permaneceu sozinha no escuro, enquanto ele voltava para buscar outra mulher. Nem todos, porém, foram tão afortunados. Duas meninas foram varridas do convés e perderam-se; duas mulheres e um bebê se afogaram na cabine.

Ao amanhecer, a tripulação fez uma jangada com madeira e pregos salvos do naufrágio. Conseguiram tirar os passageiros do recife e levá-los a uma pequena ilha, que se tornou seu lar nas oito semanas seguintes.

Um barril de bolachas duras e uma caixa de chá, retirados do navio, bem como cocos, peixes, carne de tartaruga e ovos, alimentaram-nos. Com as cascas dos cocos fizeram canecas. Com uma saia de seda muito larga, também salva do naufrágio, Charles Logie armou uma tenda para Rosa Clara, que estava doente, e o bebê engatinhava em volta, brincando alegremente na areia. Depois de terem consertado o barco do navio, alguns membros da tripulação remaram mais de 300 quilômetros até o Taiti, em busca de ajuda.

A família Logie e outros foram tirados da ilha dois meses depois do acidente, chegando finalmente a São Francisco. Lá, o Élder George Q. Cannon presenteou Rosa Clara com um pequeno bule de metal, em reconhecimento à coragem que demonstrou, sendo a primeira a ser içada para o recife. Esse bule é um objeto de estimação que a família guarda com carinho até hoje, junto com uma caneca esculpida da casca de um coco e um prego feito a mão, tirado do *Julia Ann*.

Charles e Rosa Clara Logie finalmente se estabeleceram em American Fork, Utah, onde Rosa Clara criou doze filhos. Embora tenha servido ao Senhor até o final de seus dias, o serviço que prestou quando jovem, no primeiro Ramo de Sidney, nunca foi esquecido. "Existem diversas colônias grandes e florescentes na Austrália, cada uma delas com milhares de habitantes britânicos", escreveu Charles Wandell a Franklin D. Richards em 1852, "e o pequeno Ramo de Sidney é o embrião do Reino, do qual todos os outros se espalham."

Hoje, mais de setenta mil membros australianos, em dezoito estacas e cinco missões, são um tributo perene ao espírito pioneiro de missionários como Charles W. Wandell e membros valentes como Rosa Clara Friedlander Logie. □

*Marjorie B. Newton, membro da Ala Bankstown, Estaca Sidney Australia Mortdale, escreveu uma detalhada história da Igreja na Austrália.*

**Com o navio afundando, Rosa Clara subiu no colo do capitão, e foi puxada lentamente até o recife.**

**Inserção: O bule e a caneca feita de uma casca de coco, pertencentes a Rosa Clara, são hoje objetos de estimação da família.**



# UM GIGANTE ESPIRITUAL

Terry O'Rand

O calor era sufocante e chovia fortemente, mas os missionários continuavam caminhando estrada abaixo, com uma mistura de suor e chuva escorrendo de suas costas e rostos. De ambos os lados, viam-se as humildes casas dos habitantes de Hong Kong.

Batendo às portas de madeira compensada das casas, o Élder Tavita Sagapolu parecia um gigante. Com 1,80m. de altura e pesando mais de 120 quilos, o missionário de tempo integral, antes astro de futebol americano na faculdade, era muito mais alto que a maioria das pessoas da cidade. E descobria agora que também era mais alto que as casas delas. As casas lhe chegavam apenas ao queixo.

Ao se aproximarem de uma das casas, o companheiro de Tavita, com mais experiência do que ele, pois já estava na missão havia meses, virou-se para o jovem samoano e pediu-lhe que batesse à porta. Seria a primeira para ele, desde sua chegada em Hong Kong, e proporcionar-lhe-ia uma experiência de que haveria de lembrar-se por toda a vida.

Tavita sentiu um arrepio nervoso ao se preparar para

bater àquela porta. Ele lembra que ficou com a boca seca e que não conseguia abri-la, mas tomou coragem para se aproximar; era uma porta tão pequena, que teve de se ajoelhar para bater.

“Ajoelhado diante da porta, esqueci minha força. Nem tive que bater, pois minha mão tremia tanto, que o que precisei fazer foi só colocar meu braço na porta. Antes que Tavita percebesse o que estava acontecendo, a porta caiu sob o peso de seu braço. O pânico tomou conta dele, ao tentar colocá-la de volta nas dobradiças, antes que alguém aparecesse.

Subitamente, uma senhora de idade apareceu à porta, que caiu sobre ela quando tentou abri-la. Ela saiu gritando. “Eu agarrei meu companheiro e coloquei-o na minha frente, pedindo à mulher que falasse com ele. A lembrança do rosto daquela pequenina senhora, depois que a porta caiu, nunca me sairá da cabeça.” Hoje, ao recordar o incidente, Tavita acha graça.

## UM SONHO DE MUITO TEMPO

Desde os onze anos de idade, Tavita sonhava cumprir missão, e nada ia impedi-lo de fazê-lo. Adorava sentar-se



**No centro, Tavita e seu companheiro de missão, com a primeira família que batizaram. "Quando recebi o chamado para Hong Kong, meu primeiro pensamento foi: 'O que é que um samoano de mais de 120 quilos vai fazer lá?' Sabia, no entanto, que era para lá que o Pai Celestial desejava que eu fosse." A força de Tavita já o ajudou, de muitas maneiras, a elevar e incentivar outras pessoas.**

e escutar os ex-missionários relatarem experiências espirituais, e a cada dia que passava crescia nele a determinação de cumprir missão. No seu primeiro ano de faculdade, ao se preparar para assinar um contrato para uma bolsa de estudos, no qual se comprometia a jogar futebol americano na Universidade do Havaí, em Manoa, ele se certificou de que lhe seria permitido ausentar-se por dois anos, para servir ao Senhor.

Terminada uma missão honrosa, Tavita voltou para o seu lugar na equipe do Havaí e, no outono passado, estava pronto para recomeçar a jogar.

Embora tivesse nascido na Samoa Americana, sua família se mudou para o Havaí quando ele estava com quatro anos de idade. "Eu fui a raspa da panela", diz Tavita rindo, comentando o lugar que ocupa, como décimo quarto filho numa família de quinze.

Na cultura de Samoa, as famílias são muito importantes, e quanto maiores, mais acatadas. Os pais são tratados com muito respeito. "Nas famílias grandes os irmãos aprendem a depender uns dos outros", explica Tavita. "Eles se amparam e se apóiam moralmente. Quando um de nós precisava dos outros, eles sempre





**Uma evidência da natureza afável de Tavita está em ele permitir que o usassem como "evento" durante a missão, num dia de recreação.**

atendiam. Onde quer que estivéssemos, voltávamos para ajudar. Continuamos a fazer o mesmo até hoje."

Quando ficavam mais velhos, os irmãos e irmãs de Tavita começavam a trabalhar para ajudar a sustentar a família. O pai trabalhava e a mãe ficava em casa, cuidando dos filhos.

Os quinze filhos foram criados na Igreja, e o evangelho desempenhou papel importante na vida deles. "Sou grato por meus pais me incentivarem constantemente a fazer o que era certo", diz Tavita. "Até o presente nunca tive dificuldade para manter meus padrões, em qualquer situação."

#### **DAVI E GOLIAS**

A maioria das pessoas que conhecem Tavita ficam intimidadas de início, ao verem um rapaz tão alto e

musculoso. Quando ele começa a falar, porém, irradia um espírito alegre e amoroso e dissipa todo o temor. "Quero que as pessoas saibam que os samoanos são pessoas serenas e gentis. Aprendemos a respeitar os outros, e o que é mais importante, a tratá-los como desejaríamos ser tratados."

Tavita pode ser grande, mas não se zanga nem perde a esportividade facilmente. Seu nome significa "Davi". Embora se assemelhe mais a Golias, seu nome representa coragem e paciência, traços de caráter que ele e o Davi da Bíblia compartilham.

Tavita começou a aprender a ter paciência ainda menino. Ele precisava de uma meta na vida, e, aos treze anos, um bom amigo fez com que se interessasse por levantamento de pesos. Com a idade de quatorze anos, já levantava quase o dobro de seu próprio peso.

"Nos meus quatorze anos as pessoas pensavam que eu tinha vinte, por causa do meu modo de agir e da minha aparência. Eu tinha o corpo de adulto, mas gostava de brincar e ver desenhos na televisão."

Nos anos seguintes Tavita continuou a crescer, tanto em força como em tamanho. Participou com sucesso de várias competições de levantamento de peso na região. Aos quinze anos viajou para Little Rock, Arkansas, onde foi reconhecido como um dos rapazes mais fortes dos Estados Unidos na categoria de 14 a 17 anos. Durante cinco anos ganhou títulos nacionais. Aos dezoito anos já podia levantar 412 quilos.

Na escola secundária, Tavita se sobressaiu em levantamento de pesos e futebol americano. No seu primeiro ano como jogador de futebol americano, foi selecionado para as equipes da escola, tanto em âmbito estadual como nacional. É interminável a sua lista de prêmios e distinções. "Eu me sobressaí em futebol americano e levantamento de peso, porque estes são os dois esportes de que mais gosto", declara.

### O APRENDIZADO DA AUTODISCIPLINA

Tavita, porém, teve tamanho sucesso não só por gostar de esportes, mas também por impor a si mesmo uma disciplina estrita. Isso o ajudou a aprender cantonês enquanto ainda se preparava para entrar na Missão Hong Kong. "Quando recebi o chamado para Hong Kong, meu primeiro pensamento foi: 'O que é que um samoano de mais de 120 quilos vai fazer lá?' Sabia, no entanto, que era para lá que o Pai Celestial desejava que eu fosse."

No começo, Tavita encontrou dificuldade em

aprender a língua. Era frustrante não ser capaz de comunicar seus sentimentos a respeito do evangelho. "Com paciência e oração aprendi a perseverar. Meu relacionamento com o Pai Celestial crescia cada vez mais, muito mais do que jamais pensei ser possível. De tanto orar, meus joelhos literalmente criaram calos."

Paciência e longanimidade foram os ingredientes que o ajudaram a ser bem sucedido na missão. Tais atributos continuam a ajudá-lo a ser bem sucedido nos estudos universitários e na carreira de jogador de futebol americano. Ao contrário de quando estava na escola secundária, quando achava que devia provar algo para os outros, o que ele só tem que provar atualmente é a sua dignidade diante do Pai Celestial.

Tavita continua a treinar seis dias por semana. "Tenho muito orgulho em edificar o corpo que o Pai Celestial me deu, conservando-o limpo e em boa forma, tanto física como espiritualmente."

### UM EXEMPLO

Tavita também procura ser um bom exemplo para todos os amigos, tanto membros como não-membros. Ele deseja exercer uma influência positiva naqueles que o cercam.

O mais importante, entretanto, é o seu relacionamento com o Senhor. "O relacionamento que tenho com o Pai Celestial é parecido com o que tenho com meus próprios pais. Tento fazer o melhor que posso e procuro servi-lo e fazer o que ele deseja."

O pai de Tavita faleceu recentemente e sua mãe está morando na Califórnia, mas a família aproveita todas as oportunidades que surgem, para se reunir e divertir-se. Tavita gosta muito de consertar carros com os irmãos e os primos. "Adoro consertar carros. Gosto de tudo o que se faz com as mãos e com ferramentas. Tenho muito talento para consertar coisas. Aliás, meu pai era mecânico e meus irmãos também o são."

Tavita aconselha os jovens da igreja com entusiasmo: "Cumpram uma missão. Principalmente os rapazes, ao completarem dezenove anos de idade. Vão agora. Talvez não sejam os dois anos mais fáceis da vida, mas serão os melhores."

Ele também aconselha os jovens a aprenderem a importância do evangelho.

"Não se afastem da Igreja", acrescenta. "Fiquem próximos do Pai Celestial. Isto me tem ajudado."

E é este tipo de atitude que, esteja ele em pé ou ajoelhado, torna Tavita Sagapolu um verdadeiro gigante espiritual. □

# A ÚLTIMA PESCARIA

Jack Weyland



“Estou morrendo?”  
perguntou o pai, e  
Tracy subitamente  
achou difícil responder.

Quando no hospital, o médico deu alta ao pai de Tracy, foi para deixá-lo morrer em casa. O câncer havia sido descoberto muito tarde e estava muito espalhado para que se pudesse fazer alguma coisa.

Não foi só para o benefício do doente que não lhe foi dito que estava morrendo; sua mulher precisava de algum tempo para lidar com a situação, antes de poder conversar com ele a respeito do assunto.

Tracy, então com dezoito anos, mal conseguiu assistir às últimas semanas de aula, até o início

das férias. Trabalhava num departamento de inspeção de rodovias e tinha os fins-de-semana livres para esperar.

Os três irmãos mais velhos e suas esposas se revezavam e vinham de avião nos fins-de-semana, passando um dia ou dois com o pai antes de voltarem para seus empregos, que ficavam em lugares distantes.

Certo dia, o pai falou com Tracy no quarto fracamente iluminado e cheirando a remédio; a mesinha de cabeceira estava cheia de frascos com comprimidos.

“Alguma vez menti para você?” perguntou o pai.

“Não.”

“Então não minta para mim. Estou morrendo?”

Tracy subitamente achou difícil responder. Tentou lembrar-se de frases esperançosas, como “o senhor logo vai ficar bom e sair dessa cama”, que os irmãos e suas esposas usavam com tanta facilidade, mas ele não conseguiu.

“Estou morrendo de câncer?” perguntou o pai novamente.

“Sim”, respondeu Tracy.

O homem deu um suspiro e exclamou calmamente: “Foi o que pensei.”

Nas semanas seguintes fez todos os

preparativos necessários. Chamou um advogado, para terminar seu testamento e pôr em ordem seus assuntos financeiros; escolheu um caixão de preço razoável e um lote de terreno no cemitério, para o enterro.

Depois deitou-se e ficou pacientemente à espera da morte. A morte, porém, como o sono, nem sempre vem quando convidada.

Ele até pareceu melhorar um pouco.

Num dia quente de verão, em julho, olhou para fora, pela janela do quarto, e disse: "Quero ir pescar."

Isso, naturalmente, era impossível. Pelo menos era o que a mãe dizia; era também o que diziam os irmãos mais velhos, as cunhadas e os vizinhos.

Não foi, porém, o que disse o médico: "Se ele sente que tem condições, e alguém pode ir junto para fazer a maior parte do trabalho, por que não?"

Tracy ficou encarregado de levar o pai para uma última pescaria nas montanhas. Depois de alguns dias atarefado de planejamento, comprando alimentos, juntando remédios e lendo a interminável lista preparada pela mãe, que explicava detalhadamente como cuidar do marido, numa manhã de sábado, Tracy entrou no trailer (camioneta com reboque) para fazer a última inspeção antes de saírem.

*Durante toda a minha vida*, pensou ele ao olhar o linóleo estragado que cobria o chão do reboque, *esta foi a igreja de meu pai.*

Tanto quanto Tracy podia lembrar, o pai sempre fora inativo na Igreja. Muito tempo antes alguém o ofendera lá — ninguém se lembrava mais por que ou quem, mas havia sido o suficiente para afastá-lo da Igreja durante vinte anos, exceto para assistir a alguma apresentação dos filhos.

Durante toda a vida, Tracy viu o pai tratar o domingo como se fosse o seu dia. "Trabalho muito na loja seis dias por semana. Devo poder fazer o que quero, pelo menos um dia." E isto significava pescar na primavera e no verão, caçar no outono e trabalhar como carpinteiro no inverno.

Tracy guiou o trailer até as montanhas, enquanto o pai, sentado na frente, observava silenciosamente o riacho que serpenteava entre as colinas, ao lado da estrada.

"Já tinha esquecido como é bonito aqui em cima", exclamou o homem. "Conheço esta região como ninguém. Todas as estradas, montes, cada curva do rio. Conheço tudo. Está vendo aquela parte onde o rio passa por baixo da ponte da estrada de ferro? Lá existe um lugar muito bom para pescar. Quando usamos o equipamento adequado, podemos pescar duas ou três belíssimas trutas."

"Quando o senhor fala, parece fácil, mas nunca é fácil quando eu tento."

"Bem, passei os últimos vinte anos pescando neste rio e devo ter aprendido alguma coisa. Acho que

deveria deixar por escrito todos os lugares bons para você. Alguém deve beneficiar-se com tudo o que aprendi sobre este rio."

Dirigiram em silêncio mais alguns quilômetros, enquanto o pai estudava o rio e as condições de pesca de cada área.

Tracy ficou imaginando se o pai sabia que ele não dava a mínima importância a pescarias.

"Devíamos ter vindo aqui mais vezes, só nós dois."

"A mãe nunca me deixaria vir aos domingos."

"É, ela sempre se opôs terminantemente a que você o fizesse."

"Poderíamos ter vindo aos sábados, pai."

"É, poderíamos ter vindo aos sábados", respondeu o homem tristemente, "se eu tivesse um gerente de confiança com quem pudesse deixar a loja. Os sábados sempre foram os dias de maior movimento."

"Eu sei; o senhor sempre nos disse isso."

*Somos estranhos*, pensou Tracy enquanto dirigia. *Na verdade, não sei muito a respeito dele. E o que sabe ele de mim, realmente?*

Logo chegaram ao lago e descobriram que o local, favorito do pai havia anos, continuava vago. Era o último local para acampamento junto à estrada que levava ao lago e estava localizado no alto de um monte, proporcionando uma bela visão do lago e das montanhas.

Depois do almoço, o pai tomou seus comprimidos e deitou-se para tirar uma soneca.

Mais ou menos ao meio-dia, acordou. "Sinto-me muito bem!" anunciou animado. "Este ar da montanha fez mais por mim do que todos os médicos juntos. Vamos pescar!"

Tracy levou duas cadeiras desmontáveis, depois o equipamento de pesca, e em seguida um guarda-sol que a mãe o aconselhou a armar para o pai. Tão logo tudo ficou pronto, acompanhou-o pela trilha, até o lago.

Nas duas primeiras horas nada aconteceu, mas subitamente o homem deu um grito e sua vara de pescar se inclinou fortemente. Nesse momento, no meio do lago, a uns trinta metros da margem, uma truta pulou para fora da água, sacudindo a cabeça para frente e para trás, na tentativa de se livrar do anzol.

"Deve ter uns nove quilos!" gritou o meu pai muito animado.

Foi uma longa batalha entre o homem e o peixe. Quando o peixe finalmente se acalmou, a linha foi enrolada calma e firmemente, e ele foi sendo puxado para a margem. Por duas vezes, já estando a uns seis metros de distância, ainda encontrou forças para voltar às águas profundas.

"Pai, já posso vê-lo. É enorme!"

Por fim, a luta terminou.

"Pegue a rede, Tracy, e tenha cuidado!"

O rapaz ficou perto da água e

esperou que o peixe se aproximasse o suficiente; depois mergulhou a rede com um cabo comprido na água e puxou o peixe exausto para fora, fazendo com que se contorcesse freneticamente.

"É lindo!" exclamou o pai reverentemente.

Tracy pegou um facão e preparouse para, com o cabo, bater com força na cabeça do peixe, pondo fim ao seu sofrimento. Havia aprendido a fazer isto com o pai.

"Não o mate! Não quero ficar com ele."

"Não?"

"Quero que ele viva. Ele pertence a estas águas e lutou com muita bravura para não morrer. Será que você pode remover o anzol com muito cuidado?"

Tracy pegou o peixe pelas guelras e procurou o anzol. Estava profundamente enroscado na garganta.

"Ele o engoliu, pai. Não poderei tirar o anzol da garganta sem matar o peixe."

"Então corte a linha e coloque-o de volta na água. Rápido!" Tracy pegou o facão e cortou a linha, a poucos centímetros da boca do peixe; depois levou-o gentilmente à água. Durante um segundo ou dois o peixe ficou imóvel, depois, sentindo-se livre, afundou rapidamente nas águas profundas.

Tracy olhou para o pai e ficou imaginando o que o havia levado a deixar escapar o maior peixe que já haviam visto naquele lago.

"Ele está livre agora, não está? Livre para se movimentar pelas águas. Pode ir a lugares que nunca chegaremos a ver. Sinto-me contente por não ter ficado com ele; você está contente também?"

Como parecia não haver clima para pescar qualquer outro peixe depois daquele, desistiram e levaram tudo de volta para o reboque.

"Você gostaria de passar algumas semanas comigo na Califórnia, neste verão?" perguntou o pai, ainda entusiasmado com o peixe que havia pescado. "Lá existe um hospital onde tratam de pessoas com enfermidades iguais à minha. Poderíamos ir de carro. Dizem eles que podem curar pessoas em piores condições do que a minha."

Tracy nunca vira o pai com uma atitude tão positiva.

"Podemos lutar contra a doença, não podemos? Não temos de ficar sentados e aceitar a derrota, não é? Iremos daqui a uma semana ou duas, só eu e você. E, quando eu estiver curado, pediremos à sua mãe que vá se encontrar conosco. Mostrar-lhe-emos toda a Califórnia e tiraremos umas férias, só nós três. Talvez até visitemos o México e a Amércia Central e tomemos um barco no Canal do Panamá. Que tal?"

Mesmo enquanto Tracy preparava a comida, o pai continuava a falar sobre uma visita ao México. O rapaz preparou sanduíches e abriu uma lata de feijão. O pai tomou os comprimidos e jantou.

Grossas nuvens se formaram

durante a tarde, e ao anoitecer se encontraram em meio a uma violenta tempestade. Olhando para fora do reboque, Tracy viu o vento empurrando lençóis de chuva em várias direções. Por diversas vezes ouviram o espocar de raios ao seu redor.

O pai, subitamente parecendo muito mais velho, com suor a escorrer pela testa, foi para a cama, depois de tomar seus comprimidos. Tracy ficou acordado, lendo um livro.

Às onze horas o homem acordou tossindo e com ânsia; logo vomitou o alimento que havia ingerido.

O rapaz saiu da cama e ligou a lanterna. O pai estava sentado, com o corpo contorcido pela dor.

Tracy pegou um balde com água e uma toalha e começou a limpar a sujeira do chão.

"Sinto muito, sinto muito", repetia o homem vez após outra. "Deve ter sido o efeito dos comprimidos."

Tracy terminou de limpar o chão, depois com uma toalha limpou o pai o melhor que pôde. Ajudou-o a trocar o pijama molhado de suor e a vestir uma calças velhas e uma camisa.

No começo o pai teve medo de tomar mais comprimidos para dor. Durante algum tempo ficou sentado à beira da cama, embalando o corpo para trás e para a frente, a cabeça baixa, os dentes cerrados, lutando contra a dor.

Finalmente, incapaz de suportar

por mais tempo, e com vontade de vomitar de novo, pediu uma fatia de pão e os comprimidos.

"Será que o peixe está sentindo



dor?" perguntou, depois de tomar o último comprimido.

"Não sei, pai. É só um peixe!"

"Ele está lá, nadando com o anzol machucando-lhe a garganta cada vez que respira."

"Ele está bem."

"Você acha que eu fiz bem em poupar-lhe a vida, ou será que ele está me amaldiçoando por ter permitido que continue a sofrer?"

"Não se preocupe com isso."

"Cada vez que tentar comer, cada vez que engolir, o anzol estará lá,

machucando-o. Talvez estivesse melhor morto. Talvez não devêssemos tê-lo deixado vivo."

"Por favor, pai, o senhor precisa dormir."

"Talvez já esteja morto; talvez esteja boiando na água, de barriga para cima."

O homem se levantou e foi à janela, olhar o lago. A chuva se havia convertido numa garoa persistente.

"É tão difícil saber o que devemos fazer; tão difícil bancar Deus, até mesmo no que diz respeito a decidir a vida de um peixe."

Tracy ficou deitado, esperando que o pai logo voltasse para a cama e sossegasse, mas ele ficou lá, em pé junto à janela, olhando a noite escura lá fora.

Tracy deve ter adormecido, mas poucos minutos mais tarde ouviu a porta fechar e o pai sair na escuridão.

Pulou da cama, vestiu-se e correu para fora.

Poucos minutos mais tarde encontrou o pai às margens do lago, com a lanterna na mão, iluminando a superfície da água.

"Pai, o que é que o senhor está fazendo aqui?"

"Quero saber se o peixe está morto."

Tracy apavorou-se. Ele sabia que não podia forçar o pai a voltar para o reboque, pois era um homem muito grande.

"Pai, por favor, volte para dentro. Está chovendo!"

“Eu sei que está chovendo”, respondeu o homem, continuando a procurar para lá e para cá, com a luz da lanterna.

“O senhor sabe que a mãe vai ficar zangada quando souber que ficou na chuva. Por favor, volte.”

Satisfeito, o homem se virou e olhou para o filho. “O peixe não está de barriga para cima. Ainda deve estar vivo. Voltemos agora.”

Tracy enlaçou com o braço a cintura do pai e ajudou-o a subir para o reboque.

“Você ora por mim?” perguntou o homem.

“Oro, sim.”

“O que é que você pede nas orações?”

“Que o senhor melhore.”

“Não peça mais isso. Peça que a vontade de Deus seja feita. Temos que confiar que ele fará o que for melhor. Nós não sabemos o que é melhor, nem mesmo para um peixe.”

De volta ao reboque, o pai dormiu o resto da noite.

Quando Tracy acordou, na manhã seguinte, o dia estava acinzentado, triste e chuvoso. O pai acordou às dez horas. Tracy preparou um mingau quente para ambos e uma xícara de café instantâneo para o pai.

“Hoje é domingo, não é?” perguntou o homem.

“É, sim.”

“Que eu saiba, é o primeiro domingo que você deixa de ir à Igreja. Eu não devia ter vindo aqui com você. Principalmente com este tempo. Não vamos pescar muito

hoje, não é? Não há dúvida que às vezes é bom pescar na chuva, se a gente está disposto a pescar.”

“Tudo bem, pai.”

“Estive pensando no que disse ontem, sobre nossa viagem à Califórnia. Gastaríamos todas as nossas economias se a fizéssemos. Uma coisa é certa; o dinheiro do seguro nunca seria suficiente. E, se o tratamento não for bom, como ficaria sua mãe depois?”

Tracy entristeceu-se ao ver que a última esperança de cura do pai fora desfeita.

“Suponho que nunca chegarei a ver o Canal do Panamá, não é?” disse o homem, desviando os olhos da xícara. “Bem, teremos que fazer o que podemos com o que temos, enquanto podemos.”

Tracy, enxugando a panela na qual havia cozinhado o mingau, desviou o olhar, deixando as lágrimas caírem.

“Economizei algum dinheiro para a sua missão e para parte de seus estudos, mas se houver mais alguma coisa que queira que eu faça, diga agora, antes que voltemos para casa.”

Tracy sabia o que desejava, mas não sabia se teria a coragem de pedir. Certamente não era nada que o pai pudesse pensar.

“Pai, quero que me dê uma bênção.”

O homem sacudiu tristemente a cabeça. “Você sabe que isso não lhe posso dar. Não sou um élder. Por que quer uma bênção?”

“Durante toda a minha vida fui ordenado ao sacerdócio e recebi bênçãos de outros homens, às vezes até de homens que não conhecia, mas o que sempre desejei era que o senhor, meu próprio pai, o fizesse.”

“Sinto muito. Não sabia que isso significava tanto assim para você.”

“Eu costumava pensar que, se me esforçasse para ser o melhor tipo de rapaz, o senhor veria o valor da Igreja e se tornaria ativo de novo. Pai, nunca fiz as coisas erradas que os outros rapazes da escola geralmente faziam. Por que isso não fez com que aprendesse a gostar de freqüentar a Igreja?”

“Não sei, filho.”

“O senhor nem mesmo notou, não é? Achou que era tudo muito natural. E agora é muito tarde. Eu quero uma bênção, pai.”

“Não posso fazer isso. Se você deseja uma bênção do sacerdócio, terá de pedir ao bispo ou aos mestres familiares.”

“Eles não são meu pai. O senhor é meu pai!”

“Não posso. Não possuo o Sacerdócio de Melquisedeque.”

“Pai, o senhor pode dar-me uma bênção paterna, mesmo não possuindo o sacerdócio, mas se não se sente à vontade, é só colocar as mãos na minha cabeça e proferir uma oração”, rogou Tracy.

“Não, eu não posso. Por favor, não me peça isso. Não saberia como fazê-lo. De qualquer forma, o Pai Celestial não me ouviria.”

“Eu ouviria. O senhor não se

importa com o que eu sinto? Por favor, esta pode ser minha única oportunidade de receber uma bênção paterna.”

O pai sentou-se e ficou olhando pela janela, durante muito tempo.

“Por favor, pai.”

“O que devo dizer?”

“Faça como se estivesse orando.”

Ele sentiu as mãos enormes do pai descansarem gentilmente sobre sua cabeça.

“Deus”, começou o pai lentamente. “Tracy me pediu que fizesse isto. Eu não tenho o sacerdócio certo, mas ele acha que posso só proferir uma oração.” Fez uma pausa e depois recomeçou. “Ele tem sido um bom rapaz, sempre foi. Não que eu tenha algo a ver com isso, pois deveria ter sido um bom exemplo para ele, mas sempre houve alimento suficiente na mesa e ensinei-o a ser honesto e trabalhador. Quando alguém lhe dá um trabalho para fazer, ele o faz. Existem muitas pessoas, mesmo entre os mórmons, que não conseguem terminar um trabalho.”

Tracy sentiu lágrimas escorrerem de seus olhos, mas não se importou.

“Nunca fui tudo aquilo que deveria ter sido. Imagino que sabes isso, mas acho que meu filho é um bom menino; aliás, acho mesmo que é até muito bom. Acho que é o filho mais maravilhoso que um pai poderia ter. Acho bom tomares conta dele. Ele vai precisar, pois eu estou morrendo. Tens que ajudá-lo — isto é tudo o que posso dizer.”

De repente, todo o ressentimento que havia no coração de Tracy se desfez.

“Talvez ele se lembre”, continuou



o pai com estranha calma, “das coisas boas que fiz por ele como pai, e esqueça minhas faltas. E talvez, quando for pai, não fique por demais ocupado para levar o filho para jogar bola. Eu costumava fazer isso, como sabes. E talvez não se mostre muito disposto a criticar as pessoas da Igreja, que tomam café ou uma cerveja de vez em quando. Ao contrário, talvez tente ajudá-las e não seja como aqueles que torcem o nariz quando alguém que fuma vai à Igreja.”

O pai fez uma pausa e depois começou de novo. “Quero que ele cumpra uma missão, mas só se for para trabalhar bastante. Gostaria também que se casasse no templo. Eu nunca o fiz, mas acho que seria uma boa maneira de começar um casamento. Deveis abençoá-lo, pois é um bom rapaz e eu o amo.” Fez-se uma longa pausa. “Acho que já acabei. Tracy, como devo terminar?”

Tracy ensinou, e o pai terminou a oração.

O rapaz limpou as lágrimas na manga da camisa e ficou em pé.

“Está bom assim?” perguntou o pai.

Tracy fez que sim com a cabeça, sem dizer nada, sentindo que estava muito emocionado para explicar o que aquilo significava para ele. Depois estendeu os braços e abraçou o pai.

“Não foi tão ruim assim. Só espero que funcione” disse o homem com um sorriso desajeitado e os olhos cheios de lágrimas.

A chuva continuou durante a hora do almoço.

Depois, o pai sugeriu que voltassem para casa, pois, se saíssem naquela hora, chegariam a tempo de ir à reunião sacramental.

Foram à igreja nos três domingos seguintes, mas depois as dores ficaram tão fortes que o homem já não podia sair de casa. Os mestres familiares ajudaram Tracy com o sacramento, e a família o tomou em casa até fins de agosto, quando o pai faleceu. □

## SEJA UMA BÊNÇÃO PARA CADA MULHER EM PARTICULAR

Parte da ênfase de nossa Sociedade de Socorro é *prestar serviço ao próximo, exemplificar os princípios do evangelho diariamente e ensinar os outros*. Seguimos a admoestação do rei Benjamim: "Mas ensiná-los-eis a andar pelos caminhos da verdade e da moderação; ensiná-los-eis a se amarem mutuamente e a servirem uns aos outros." (Mosiah 4:15.)

*Servir* significa ajudar, auxiliar. As mulheres têm muitas oportunidades de exercer influência, ao servir. Uma jovem israelita, levada cativa pelos sírios, tornou-se uma serva na casa de Naamã, capitão do exército sírio. Naamã era leproso. A jovem conhecia o problema dele e disse a sua senhora, mulher de Naamã: "Oxalá que o meu senhor estivesse diante do profeta que está em Samaria: ele o restauraria da sua lepra." (II Reis 5:3.) Graças ao seu testemunho, Naamã visitou o profeta Eliseu e foi curado.

A jovem não tinha obrigação de procurar ajudar aquele que a escravizara, mas o fez devido à sua grande fé no profeta, ao respeito que nutria por Naamã e sua mulher, e à confiança que tinha em si mesma. Ela prestou um serviço além do dever de serva, para ajudar alguém que precisava.

*Como podemos melhor servir, de modo a abençoar os outros?*

*Exemplificar* é ser um exemplo daquilo que cremos.

Priscilla Sampson-Davis ganhou um Livro de Mórmon quando visitava a Holanda, em 1963, mas a Igreja só foi organizada em sua terra natal, Ghana, em 1979. Durante dezesseis anos ela se reuniu regularmente com outros conversos da África, esperando pelo batismo.

Uma das irmãs que ela visitava, e

a quem ensinava, não sabia ler. Assim, para dar-lhe a oportunidade de beber profundamente das verdades do evangelho, a irmã Sampson-Davis lia as escrituras para ela com freqüência, explicando o seu significado. Ela vivenciou o conselho de Paulo a Timóteo: "Sê o exemplo dos fiéis, na palavra, no trato, na caridade, no espírito, na fé, na pureza." (I Timóteo 4:12.)

*Como podemos exemplificar o princípio da caridade?*

*Ensinar* é ajudar os outros a aprenderem a ser ou fazer algo.

A serva incógnita de Naamã e a irmã Sampson-Davis despenderam tempo ensinando princípios importantes a alguém. Elas exemplificam o conselho dado em Doutrina e Convênios 88:77-78: "E vos dou um mandamento de que ensineis a doutrina do reino uns aos outros. Ensinai diligentemente e a minha graça vos atenderá."

A graça do Pai Celestial nos atende quando, com diligência, ensinamos o evangelho, pois não só enriquecemos nossa vida, mas iluminamos as almas daqueles que aprendem a verdade com nosso ensinamento.

*Alguém já abençoou sua vida, ensinando-lhe algo? Como?* □



# A DECISÃO MAIS IMPORTANTE DE NOSSA VIDA

Elder Boyd K. Packer

Do Quorum dos Doze Apóstolos

**D**esejo revelar-vos algo, e uso a palavra *revelar* de propósito. Esforcei-me, bastante mesmo, para estruturar um parágrafo que expressasse o que desejo dizer. Temo, porém, que, ao transmiti-lo, vossa reação seja: “Ah, isso eu já sabia!” e que acheis tudo muito simples e até sem imaginação, maçante mesmo; pois o que tenho para revelar nada tem de extraordinário. E é por isso mesmo que não é

fácil fazer com que seja considerado importante por todos.

A não ser, porém, o motivo de sabermos que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e que houve uma restauração do evangelho por meio de profetas — a não ser isso, esta é uma das verdades que mais desejo ensinar a meus filhos. Passemos agora ao parágrafo que tanto me esforcei por escrever.



CRISTO E O JOVEM RICO - PINTEIRA DE HEINRICH HOFMANN

Muitas pessoas pensam, erroneamente, que se somos bons, muito bons mesmo, naquilo que fazemos, um dia seremos famosos e regiamente recompensados. Quase todas as pessoas acham que o sucesso, para ser completo, deve incluir, entre seus principais ingredientes, uma generosa porção de fama e fortuna. O mundo parece funcionar baseado nessa premissa, mas a premissa é falsa! Ela não é verdadeira! Não foi isso que nos ensinou o Salvador.

A verdade a esse respeito é extremamente difícil de ser ensinada e aprendida. Se alguém que *não* é bem conhecido ou recompensado clama ter aprendido que nem a fama nem a fortuna são essenciais para o sucesso, nossa tendência é suspeitar que aquilo é apenas uma desculpa. O que mais poderia dizer, sem se considerar um fracassado? Se alguém que *possui* fama e fortuna clama que nenhuma destas coisas é importante para o sucesso ou felicidade, suspeitamos que esteja sendo condescendente ou demonstrando falsa modéstia.

Portanto, rejeitamos como autoridades confiáveis tanto os que possuem fama e fortuna, como os que não as possuem. Duvidamos que tanto um quanto outro seja testemunha imparcial. Isto nos deixa com

um único curso a seguir: Aprender por nós mesmos, pela experiência, sobre a preeminência e a riqueza, e seus opostos. Portanto, passamos a vida lutando, talvez sem conseguir nem uma nem outra, para finalmente aprendermos que podemos verdadeiramente ser bem sucedidos, sem possuir tais coisas; ou podemos um dia obter ambas e aprender que nenhuma delas é básica para a fórmula do sucesso verdadeiro e da felicidade completa. É um processo de aprendizado muito lento.

Será que um dia aprenderemos que nossa escolha não deve restringir-se a fama ou obscuridade, riqueza ou pobreza? Devemos escolher o bem ou o mal, e este é um assunto completamente diferente. Quando compreendemos isto, nossa felicidade não será determinada por coisas materiais, quer as possuamos ou não. O Pai Celestial nos garantiu o livre-arbítrio. Se conseguirmos aprender quais são as escolhas realmente importantes, poderemos ser bem sucedidos.

O Livro de Mórmon nos diz: “E os homens foram ensinados suficientemente para distinguir o bem do mal” (2 Néfi 2:5). Também somos ensinados que “os homens são livres, de acordo com a carne; e todas as coisas que lhes são necessárias lhes são dadas. E estão livres para

**Nossa felicidade e sucesso não dependem de coisas materiais, mas da busca da excelência e do desejo de servir ao próximo. “Quando estais a serviço de vosso próximo, estais somente a serviço de vosso Deus.” (Mosiah 2:17.)**

escolher a liberdade e a vida eterna, por meio da grande mediação de todos os homens, ou para escolher o cativo e a morte, de acordo com o cativo e o poder do demônio.” (2 Néfi 2:27.)

Desde os tempos antigos as tentações materialistas de procurar fama e fortuna têm confundido as escolhas do homem, e o mundo atual passa por estranhas e amedrontadoras dificuldades, por causa disso.

Repito que a decisão mais importante da vida não está centralizada na escolha de fama ou obscuridade, de riqueza ou pobreza. A decisão da vida é escolher o bem ou o mal. É possível que sejamos ricos e famosos e ao mesmo tempo bem sucedidos no sentido espiritual e eterno; o Senhor admoestou-nos sobre as dificuldades da escolha, ao dissertar sobre camelos e agulhas.

Se nem as riquezas nem a preeminência são metas ideais, como podemos ser motivados a atingir a excelência? Quais deverão ser nossas metas?

Eu gostaria de sugerir duas. A excelência em si é uma meta digna — ser bons, muito bons, em tudo o que fazemos; desenvolver nossos próprios talentos ao máximo; desenvolver-nos como indivíduos sensíveis, dignos, bem equilibrados.

O Senhor disse: “Sede vós pois perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus.” (Mateus 5:48.)

A outra meta é o serviço. “Quando estais a serviço de vosso próximo, estais somente a serviço de vosso Deus.” (Mosiah 2:17.)

Não sei, neste momento, se estais aprendendo, mas sei que o que vos estou ensinando é verdade. A fama e a fortuna não são ingredientes essenciais para a verdadeira felicidade na mortalidade, assim como a ausência delas não pode impedir-vos de alcançar essa felicidade.

Mencionei de início que gostaria que meus filhos aprendessem a verdade contida no parágrafo que estruturei. Posso visualizar o dia, nas gerações futuras, em que verei meus filhos e netos lutando para vencer os desafios da vida. Posso vê-los percorrer o caminho todo da mortalidade, sem se tornarem famosos ou regamente recompensados. Posso ver-me de joelhos, agradecendo a um Deus generoso por minhas orações terem sido respondidas, por eles serem verdadeiramente bem sucedidos e verdadeiramente felizes.

A felicidade dependerá daquilo que fizermos com o que temos, do que aprendermos com o que fizemos, e do que fizermos depois disso. São estas as coisas que serão levadas em conta, no dia do julgamento. □

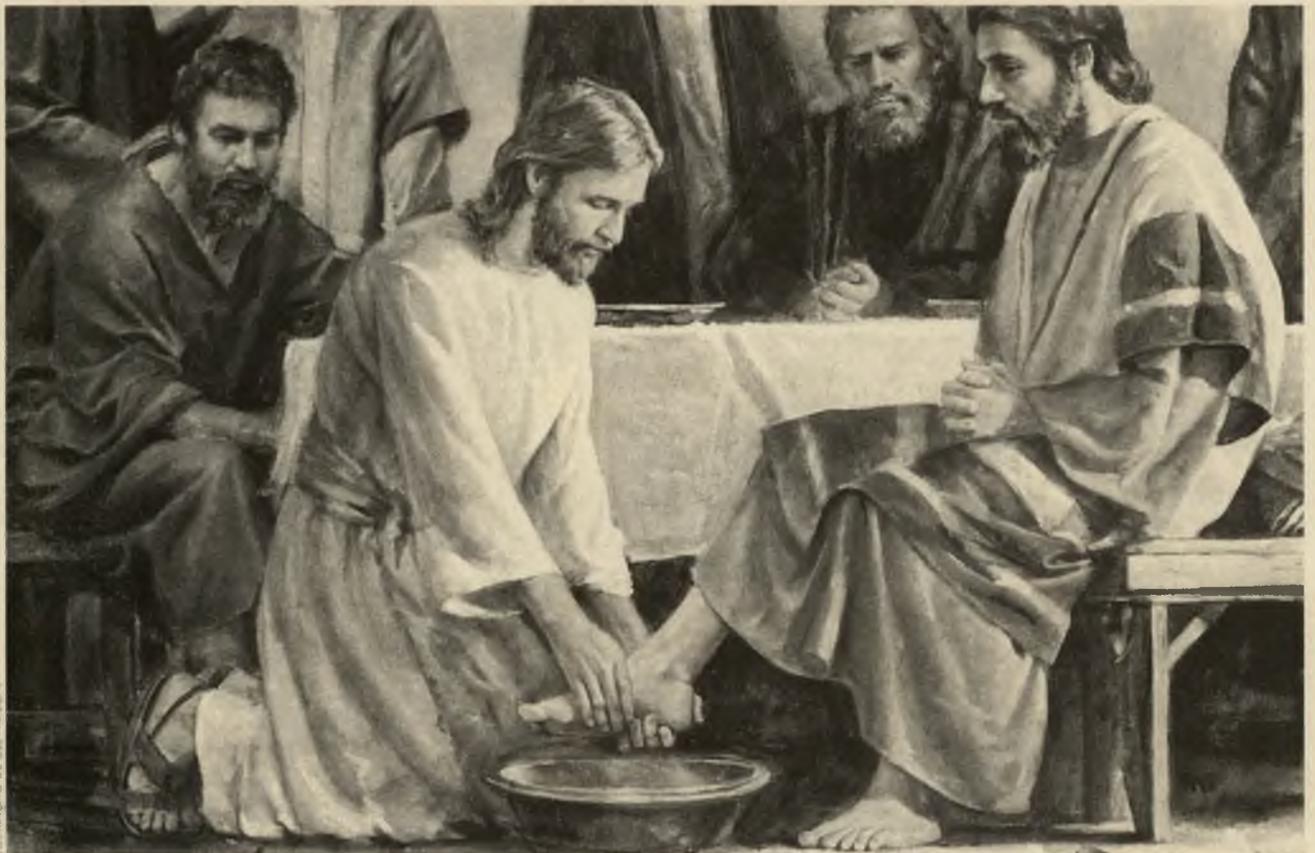


ILUSTRAÇÃO DE PARÍS



# Onde Foi Que Vi Seu Nome?

Susan Wyman

Como supervisora das professoras visitantes de nossa ala, preocupava-me particularmente com as irmãs menos ativas. Orava freqüentemente e pedia ao Senhor que me guiasse, de modo a fazer com que essas irmãs soubessem que continuávamos a nos importar com elas. Nunca deixamos de informá-las de nossas atividades e pedíamos a nossas irmãs ativas que escrevessem mensalmente uma notinha para cada uma delas.

Certa noite, enquanto utilizava uma lista da ala a fim de preparar um gráfico para a presidente da Sociedade de Socorro, descobri o nome e endereço de uma irmã que vivia nos limites de nossa ala, e que não me pareceu familiar. Achei estranho não ter visto o nome dela antes, e fui inspirada a pedir a determinada irmã da ala que lhe escrevesse.

Quando sugeri isto à nossa presidente, ela concordou e fez a designação. Vários meses se passaram, porém, sem que tivéssemos resposta a nossas cartas. Finalmente, a irmã designada a escrever incluiu

um envelope com seu próprio endereço, já selado, e pediu à irmã menos ativa que lhe escrevesse de volta e lhe dissesse se gostaria de continuar recebendo suas cartas. A irmã menos ativa respondeu e explicou que alguns anos antes havia cometido certas transgressões, e que uma ação disciplinar da Igreja tinha sido necessária. Desde essa época, havia se sentido ferida e magoada, mas gostaria de continuar a receber sua carta mensal.

Logo depois que isto aconteceu, eu estava datilografando uma nova lista de professoras visitantes, quando vi que o nome daquela irmã já não estava na lista da ala. Procurei nas listas antigas que estavam na minha escrivaninha, mas não

.....

**Acordei de um sono profundo  
às 2 horas da madrugada, com  
a forte impressão de que  
deveria escrever àquela irmã  
imediatamente.**

.....

encontrei o nome dela.

Telefonei para a presidente da Sociedade de Socorro e para o secretário da ala, mas eles nada puderam informar.

Onde foi que eu vi o nome e endereço dela? Tornou-se evidente, para mim, que os havia recebido do Senhor.

Semanas mais tarde acordei de um sono profundo às 2 horas da madrugada, com a forte impressão de que devia escrever àquela irmã imediatamente e contar-lhe a experiência que havia tido com o seu nome e endereço. Senti o Espírito muito fortemente, dizendo-me o que devia escrever.

Uma semana depois de ter enviado a carta, recebi um telefonema dela, dizendo-me que durante muito tempo esteve convencida de que o Senhor já não sabia que ela existia. Quando, porém, recebeu minha carta, soube que não era verdade. Essa irmã atualmente retornou à atividade na Igreja. □

*Susan Wyman pertence à Ala Nashua 2,  
Estaca Nashua New Hampshire.*

# B A T I S M O



# N O G E L O

Wade Brackenbury

**C**onheci Kim Hye Gook em novembro de 1989, quando servia como missionário em Suwon, na Coréia do Sul, cerca de trinta quilômetros ao sul de Seul. A referência havia sido dada às missionárias por Brice Womack, um soldado americano estacionado em Songtan, pouco distante dali. As missionárias de minha zona visitaram o orfanato onde a senhorita Kim trabalhava. Ficamos impressionados com a paciência, o amor e o cuidado que dispensava a cada uma das crianças.

Quase ao mesmo tempo ficamos conhecendo Pak Hyang Gook, ao conversarmos com pessoas nas ruas de Suwon. Logo em seguida começamos a ministrar-lhe as palestras.

Ambas as jovens receberam todas as palestras, desenvolveram testemunho forte e decidiram ser batizadas. O batismo foi marcado para o dia 24 de janeiro de 1990, um domingo. Fizemos todos os preparativos para o batismo e conversamos com o bispo e o zelador da capela, para nos certificarmos de que seriam feitos todos os arranjos necessários. Tudo parecia estar em ordem.

Finalmente chegou o dia, e estava muito frio, como costumam ser os dias de inverno na Coréia. Depois da abertura da Escola Dominical pensei em perguntar ao zelador se teríamos água quente. Foi só então que ele nos disse que o aquecedor estava quebrado e que não poderíamos realizar o batismo.

Ficamos muito tristes. Alguns amigos da senhorita Kim tinham vindo de Songtan para assistir à ordenança. Além disso, outros três pesquisadores do Ramo Osan (distante 15 quilômetros dali), também seriam batizados na mesma ocasião. O ramo todo tinha planos de assistir ao batismo.

Tentamos, sister Gu Jean Jaw (missionária) e eu, remediar a situação. Desmontamos o aquecedor e

descobrimos um fusível queimado. Substituímo-lo por um fusível de automóvel, que parecia compatível, e montamos tudo de novo.

De início ficamos felizes ao ver que funcionava, mas nossa alegria durou pouco. Logo se tornou evidente que a água não correria pelos canos até a fonte batismal. A razão: estava completamente congelada. Durante três horas tentamos descongelar os canos, derramando água fervendo em cima deles, mas não funcionou. Também tentamos encontrar uma máquina de soldar elétrica, na esperança de esquentar os canos e derreter o gelo que estava dentro, mas ninguém se mostrou disposto a emprestar-nos uma.

Já eram 14 horas, tempo de começar o batismo. Chegaram os membros e o presidente do Ramo de Osan. Sister Gu Jean Jaw telefonou a todas as *mogyoktang* (casa de banho) de Suwon, para ver se podíamos realizar os batismos em algum desses lugares, mas nenhum deles se dispôs a acomodar-nos.

Conversei com a senhorita Kim, e ela ficou muito desapontada. Disse que havia orado e sabia que devia ser batizada. Havia estabelecido com as missionárias a meta de ser batizada nesse dia. Puxou o Livro de Mórmon que as missionárias lhe haviam dado no início das palestras, abriu-o na gravura de Alma batizando uma jovem nas Águas de Mórmon, e perguntou: "Não posso ser batizada num rio ou lago?" Vários murmúrios se ouviram, dizendo que era impossível, que lá fora estava tudo congelado, que o frio era por demais intenso.

O bispo nos chamou ao seu escritório, para decidirmos o que fazer. Concordamos que as jovens é que deviam decidir quando e onde seriam batizadas. O bispo lhes disse que sabia onde havia um lago, mas avisou-as que teriam que viajar de ônibus uma boa distância, e depois caminhar uns vinte minutos a pé, até chegarem a um lugar afastado, onde o batismo poderia ser realizado.

A sala ficou em silêncio durante algum tempo, depois a senhorita Kim falou. Repetiu que havia aceitado o evangelho e tinha concordado em ser batizada naquele dia. Acreditava que, se fizesse a sua parte, o Senhor faria a dele. E, se fazer a parte dela significava ser batizada num lago gelado, então estava disposta a fazê-lo.

Começamos os preparativos para o batismo no lago. Os élderes Forber e Miner correram ao lugar onde moravam, para pegar cobertores. As duas pesquisadoras vestiram suas roupas batismais; meu companheiro, élder Parker, e eu, fizemos o mesmo. Realizamos o serviço batismal na capela, depois fomos de ônibus para o lago. Quando chegamos, vimos muitas pessoas patinando no lago e soubemos que o gelo devia ser denso.

O bispo tinha ido na frente, no seu caminhão, e já estava do outro lado do lago. Quando o alcançamos, tentava abrir um buraco no gelo, com uma pedra bem grande. Meu companheiro e eu subimos a uma casinha que ficava à beira do lago e batemos à porta. Um homem de meia-idade apareceu, numa *hanbok* púrpura, vestimenta tradicional da Coréia. Expliquei-lhe em coreano que precisávamos cortar um buraco no gelo. Ele entrou rapidamente e voltou com uma antiga cabeça de machadinha, presa num cabo feito em casa. Sequer nos pediu que a devolvessemos; apenas sorriu e fechou a porta.

Voltamos ao lago e abrimos um pequeno buraco no gelo, depois testamos a profundidade com uma vara. Era muito raso para um batismo. Abrimos vários buracos pequenos, cada vez testando a profundidade da água, até encontrar um lugar onde a água tinha a profundidade certa.

Levou mais uma hora para abrir um buraco suficientemente grande para realizar o batismo. O cabo da machadinha quebrou uma vez, mas conseguimos pegar a cabeça antes que afundasse. A espessura do gelo era de 30 centímetros. A maior parte dos blocos que cortamos eram grandes demais para serem tirados, e assim os empurramos para debaixo da superfície gelada, dos lados do buraco que estávamos cavando.

Finalmente, naquele lago gelado, Élder Parker batizou a irmã Pak, e eu batizei a irmã Kim. Já era tarde. Os patinadores tinham ido embora, o céu estava claro e o ar extremamente frio. Quando saí do buraco, lembro-me de haver pensado que, surpreendentemente, não sentia frio. A irmã Kim passou pela mesma experiência.

Aconchegamo-nos para a última oração, depois do que nos enrolamos em cobertores e nos dirigimos ao ponto de ônibus. As irmãs batizadas foram para a casa do bispo, para mudar de roupa, e eu fui para casa com os outros élderes. Às 20h30m jantamos na casa do bispo, que foi inspirado a confirmar as jovens em seguida, e foi o que fizemos.

Julgo-me incapaz de descrever o sentimento de paz que reinou na sala durante a confirmação. Creio realmente que, por algum motivo, era importante que aquelas jovens fossem batizadas e confirmadas naquele dia de frio tão intenso. Sua fé e coragem exemplificam a atitude dos membros humildes da Coréia do Sul. □

*Wade Brackenbury serviu como líder de zona na Missão Coréia Seul Oeste.*



**Com frio, mas felizes, candidatas ao batismo, missionários e amigos posam junto à "fonte" que criaram, abrindo um buraco na superfície congelada de um lago.**

VOCÊ PODE RESOLVER

---

# OS MAIS GIGANTESCOS PROBLEMAS



FOTOGRAFIA DE WEIDEN ANDERSEN

“A DEUS TUDO É POSSÍVEL” (MATEUS 19:26).



# UM CONVÊNIO RESTAURADO

Uma nova e permanente exposição no Museu de História e Arte da Igreja, na Cidade do Lago Salgado, em Utah, conta a história da conversão e comprometimento dos santos dos últimos dias, nos anos de formação da Igreja.

A exposição convida os visitantes a participarem do pioneirismo mórmon, incluindo a restauração do evangelho em Nova York; a reunião dos santos em Ohio e

no Missouri, e mais tarde em Illinois; a imigração dos santos para o Vale Salgado, em Utah, de navio, carroções e carrinhos-de-mão; a construção de Sião no oeste americano; e a proclamação do evangelho ao mundo.

Algumas dessas experiências são compartilhadas neste ensaio fotográfico da exposição, que segue a trajetória dos pioneiros no oceano e pelas grandes planícies, até seu novo lar no vale do Grande Lago Salgado.

**À esquerda:** A Primera Visão é representada neste vitral de 1913, localizado originalmente na capela da Ala Adams, em Los Angeles, na Califórnia. O aparecimento, em 1820, de Deus, o Pai, e do Salvador, em resposta à oração do jovem Joseph, marcou o início da restauração do evangelho no mundo.

**À direita:** Uma janela original do Templo de Kirtland (Ohio), terminada em março de 1836.

À direita dela vemos uma pintura a óleo de Joseph Smith e líderes da Igreja em Nauvoo, Illinois; (na cadeira) caixa com tampa inclinada, usada no colo para escrever, pertencente a W.W. Phelps, um dos primeiros líderes da Igreja; calça e colete pertencentes a Hyrum Smith, irmão do Profeta Joseph.





**Acima:** Pintura de Winter Quarters, Nebraska, feita em 1846-1847 por C.C.A. Christensen; 3.500 santos dos últimos dias construíram setecentas cabanas, que serviram de abrigo para milhares de pioneiros que se mudaram para o oeste, entre 1846 e 1862.

**À esquerda:** Bússola de Brigham Young.

**Acima, à direita:** Estátua de bronze esculpida por Avard Fairbanks, em memória da morte de centenas de santos durante os dois primeiros anos na comunidade pioneira de Winter Quarters.

**À direita:** Réplica de um carroção típico, usado pelos santos na grande trajetória rumo ao oeste.









**À esquerda:** Numa exposição especial vemos os navios que transportaram milhares de imigrantes através do Oceano Atlântico, vindos da Europa para sua nova terra. Esta réplica, em tamanho natural, das acomodações dos passageiros, baseia-se nos planos originais de construção do *Enoch Train*, um navio que navegou de Liverpool, Inglaterra, para Boston, Massachusetts. A viagem durou dois meses.

**Acima:** Cenas em miniatura, a bordo de uma réplica do *Enoch Train*, modeladas de acordo com eventos reais registrados nos diários dos pioneiros durante uma viagem realizada em 1856; a maioria dos passageiros eram oriundos da Inglaterra, os restantes da Escócia, País de Gales, Irlanda, Dinamarca e Suíça.

**Abaixo:** Numa reprodução feita em escala 1:32, a réplica do *Enoch Train* levou quatro anos para ser terminada. É completa, em todos os detalhes, a ponto de serem vistos os nós de marinheiro nas "cordas" presas às velas.





**À esquerda:** Este carrinho-de-mão foi puxado através das grandes planícies em 1866 ou 1867, pela família de William Stiff, natural da Inglaterra. É semelhante, em tipo e estilo, aos usados dez anos antes pelas companhias de carrinho-de-mão, organizadas pela Igreja.

**Acima:** Em 1866, o fotógrafo pioneiro Charles Savage viajou da Cidade do Lago Salgado para Nova York, para comprar equipamento fotográfico. Na jornada de volta encontrou a Companhia de Emigração Thomas E. Ricks, composta de 251 santos ingleses, que viajavam em quarenta e seis carroções. Esta fotografia sua é um raro registro de uma real companhia pioneira.





**À esquerda:** Este esboço a óleo é atribuído a Edwin Evans, e foi pintado mais ou menos em 1892. No início da década de 1890, Evans foi um dos diversos “missionários de arte” enviados pela Igreja para estudar em Paris, França, em preparação para a tarefa de pintar os murais do Templo de Lago Salgado, representando a criação da terra, o Jardim do Éden, e o mundo no qual vivemos.

**Acima:** Um órgão, originalmente usado no Templo de Manti (Utah), é um lembrete da importância da música na adoração dos santos dos últimos dias.

**Embaixo:** Este sol refulgente, em madeira, de início pintado em cores brilhantes, foi esculpido em 1852 para a parede lateral sul, (oitão) do Antigo Tabernáculo, que ficava na praça do templo, na Cidade do Lago Salgado. O sol refulgente simbolizava a restauração do evangelho e a glória celestial de Deus. □



# Conversos



# Fiéis

## OS SANTOS DE BARCELONA

Carol Baughman Rivero

**E**m Barcelona, na Espanha, as primeiras reuniões da Igreja foram realizadas no salão de beleza de Josefa Lacuay e de seu marido não-membro. Josefa aceitou o evangelho no Uruguai, em 1963, e mudou-se para Barcelona com a família, só então descobrindo que a Igreja ainda não havia sido organizada nesse lugar. Quando os missionários, vindos da Missão Francesa, chegaram ao subúrbio onde ela estava morando, em fins da década de 60, Josefa os ajudou a encontrar um apartamento para morar, mas não conseguiu achar lugar para uma capela. E foi assim que, durante sete meses, todos os domingos de manhã, os secadores, rolos e vaporizadores de cabelo do salão davam lugar às reuniões da Igreja, assistidas pelos poucos santos dos últimos dias pioneiros da área de Barcelona.

Hoje, o número de membros da Estaca Barcelona subiu para quase dois mil, obviamente exigindo muito mais do que um pequeno salão para a realização das reuniões, mas o espírito de sacrifício e dedicação dos Lacuay continua vivo nas histórias de conversão dos santos de Barcelona.

Sua cidade, o maior porto da Espanha no Mediterrâneo, é o principal centro comercial e cultural do nordeste da Espanha. Esta cidade histórica existe

desde antes de Cristo, e as ruínas de uma cidade romana foram descobertas debaixo de suas praças centrais. Na Idade Média foi um importante porto mercantil, um elo entre o mundo muçulmano, com suas especiarias e frutas exóticas, e os mercados europeus. Os nativos de Barcelona, os catalãos, ganharam fama como comerciantes e são conhecidos por sua energia e trabalho árduo.

Durante séculos o comércio tem sido o modo de vida da população. A cidade se tornou uma rede de pequenas empresas familiares, onde os filhos são criados trabalhando ao lado dos pais, cientes de que serão os futuros donos do negócio. As famílias atuais, catalãs na maioria, continuam fortemente envolvidas no comércio. O dia de trabalho é longo, e para muitos sobra pouco tempo para outras atividades.

Como resultado, o início da Igreja foi lento em Barcelona. Um povo fortemente enraizado nas tradições religiosas do passado, e preocupado com os negócios do presente, tinha pouco tempo para ouvir novas e estranhas crenças vindas da América. Algumas das histórias de conversão dos últimos vinte anos, porém, demonstram como o Espírito pode sobrepujar até mesmo grandes barreiras.

Josefa Parada é um bom exemplo. Era uma freira que abandonou o convento para casar. Não desejava pesquisar outras religiões, mas quando notou uma mudança visível na vida de seus vizinhos, a família Prieto, do subúrbio de Badalona, quis saber a razão. A resposta não foi aquela que desejava ouvir: "Fomos

**É hora de bolo com velas, quando os jovens santos dos últimos dias de Barcelona se reúnem num super-sábado para celebrar o aniversário de 150 anos da Organização das Moças.**

**Em cima:** Alunos de uma classe de adultos da Escola Dominical respondem ao instrutor no Ramo de Premia de Mar, Estaca Barcelona, Espanha. **Embaixo:** Voltando à Espanha depois de uma busca religiosa infrutífera, Carlos e Julia Rodriguez — são vistos aqui participando de uma noite familiar com os filhos — começaram uma ardorosa busca da verdade, que os levou à Bíblia, ao Livro de Mórmon e à Igreja.



**Lado oposto:** O artista Enrique Torres, membro da Igreja há quatro anos e atualmente presidente do quorum de élderes na Ala Barcelona 2, tem sua obra exposta em galerias da Europa e dos Estados Unidos. O retrato que fez do Presidente Ezra Taft Benson está no Museu de História e Arte da Igreja, na Cidade do Lago Salgado, em Utah.

batizados na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.”

Os irmãos Prieto visitaram a família de Josefa, até o batismo de seu filho, Enrique. Josefa sentiu a influência do Espírito, mas achava difícil afastar-se de suas tradições religiosas. Só em 1979, depois de seu terceiro filho estar pronto para o batismo, foi que ganhou uma convicção suficientemente forte para aceitar o evangelho — e nessa época estava assistindo às reuniões da Igreja e lendo o Livro de Mórmon. Seu marido, Aurélio, mais tarde obteve também um testemunho, por meio de oração fervorosa; parou de fumar e entrou para a Igreja, dois anos depois. A família já foi ao templo várias vezes.

Como na Espanha é preciso muito sacrifício para se afastar das tradições estabelecidas e entrar para a Igreja — como acontece em outras partes do mundo — os membros de lá são especialmente dedicados. Depois que Manuel e Maria Trancosco foram visitados por dois missionários em 1976, Manuel orou sobre a mensagem deles e estudou o Livro de Mórmon, Doutrina e Convênios e a Pérola de Grande Valor. Quando recebeu uma confirmação espiritual, estava trabalhando como mecânico; correu para casa, e pediu aos élderes que o batizassem imediatamente.

Desde a conversão da família, Manuel tem servido em muitos e diferentes chamados, apesar de uma jornada de trabalho que vai das seis da manhã às dez da noite. A família também teve fé suficiente para ir, com seu pequeno carro, ao Templo da Suíça, 1.200 quilômetros ao norte. Seu testemunho foi fortalecido enquanto viajavam, pois cada vez que paravam para pedir informações, encontravam alguém que falava espanhol. Manuel e Maria foram selados a seus quatro filhos e agora têm mais quatro adicionados à sua família eterna.

A fidelidade à tradição, que tanto dificulta o proselitismo, exige engenhosidade na realização da obra missionária. Há quatorze anos, em Premia de Mar, um pequeno subúrbio de Barcelona, Mari Carmem Clavet e



Carol B. Rivero começaram a realizar reuniões da Sociedade de Socorro em casa. Não havia ramo no lugar. Muitas das vinte e cinco mulheres que assistiam não eram membros da Igreja, mas ainda assim pareciam apreciar as lições, selecionadas carinhosamente, preparadas todas as semanas.

Depois que quatro batismos resultaram da irmandade de Premia, missionários foram enviados ao lugarejo e foi organizado o Ramo de Premia de Mar, embora não houvesse na ocasião nenhum portador do sacerdócio. Durante anos os missionários serviram como presidentes de ramo, até que um ex-missionário, Javier Garriga, ex-aluno da irmã Rivero na Primária, mudou-se para Premia de Mar. É o atual presidente do ramo.

Noutro subúrbio, Hospitalet, Ramón e Gloria Arriaga convidam regularmente amigos não-membros e familiares para assistir às suas noites familiares semanais. "Houve vezes em que tivemos de dez a doze visitantes," dizem eles. "Planejamos durante a semana quem devemos ajudar ou convidar, sempre tentando demonstrar nosso amor a alguém que enfrenta a solidão." Seus dois filhos foram chamados ao mesmo tempo para a missão em Madrid, capital da Espanha. "Podemos dizer que estamos em missão por meio de nossos filhos," diz a mãe. "Vivemos cada minuto de seu trabalho na obra do Senhor e sentimos que somos muito abençoados."

Jovens membros, como Ferrán Silvestre, representam uma geração bastante promissora de santos, em Barcelona. Ferrán finalmente entrou para a Igreja, aos vinte anos de idade, embora seus pais tivessem sido batizados quando ele tinha doze anos. Quando dois missionários ganharam sua confiança, ele se dispôs a ouvir as palestras. Essas sessões, juntamente com o estudo do Livro de Mórmon, deram-lhe uma inegável confirmação espiritual da veracidade do evangelho.

Depois de passar um ano no serviço militar compulsório, Ferrán ainda quis cumprir missão, embora já estivesse com vinte e poucos anos. Ele acaba

de voltar de uma missão em Washington, D.C., Estados Unidos, que descreve como "a maior experiência de minha vida".

A conversão de Carlos Rodriguez e sua mulher, Julia, foi há quase vinte anos. Casados há pouco tempo, procuraram a verdade e finalmente decidiram ir para a Índia, numa busca religiosa. Viajando pela Turquia, ficaram em dificuldades financeiras quando seu carro quebrou. Decidiram ficar por lá mesmo, transformando a busca num estudo do islamismo. Certo dia, porém, Carlos começou a ler a Bíblia e compreendeu que era cristão e que tinha um profundo sentimento de gratidão por Jesus Cristo.

Os Rodriguez voltaram para a Espanha, convencidos de que encontrariam a verdade em algum lugar, numa igreja cristã. Em Barcelona, entre os poucos pertences que lá havia guardado, Carlos descobriu um exemplar do Livro de Mórmon e começou a lê-lo. Ficou tão absorvido na leitura que não parou nem para comer ou dormir, durante quarenta e oito horas. Assim que terminou, levou Julia a um local de reuniões da Igreja, esperando encontrar alguém que lhe ensinasse mais. Infelizmente era sábado à tarde e não havia ninguém. Quando Julia desistiu de esperar e quis ir para casa, dizendo ao marido que voltariam no dia seguinte, dois missionários chegaram. Uma semana mais tarde, Carlos e Julia foram batizados. Hoje ele é o bispo de uma ala de Barcelona.

Estes são membros típicos do crescimento da Igreja em Barcelona. Encontraram o tempo, forças e o desejo de aceitar o evangelho restaurado quando foram tocados pelo Espírito Santo e levados ao batismo. A jornada de trabalho continua sendo a mesma, mas estes pioneiros, que servem ao Senhor com entusiasmo e dedicação, sempre encontram tempo para as reuniões da Igreja, para missões e excursões ao templo. □

*Carol Baughman Rivero é a Presidente da Sociedade de Socorro de Premia de Mar, ramo da Estaca Barcelona Espanha.*



**"Cristo Cura um Cego", de Del Parson.**

"E chegou a Betsaida; e trouxeram-lhe um cego, e rogaram-lhe que lhe tocasse... Tornou a pôr-lhe as mãos nos olhos, e ele, olhando firmemente ficou restabelecido, e já via ao longe e distintamente a todos." (Vide Marcos 8:22, 25.)



**C**om a surpreendente aparência de um “Golias”, Tavita Sagapolu é, ainda assim, um filho amoroso para sua mãe. Vide “Um Gigante Espiritual”, página 12.